

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

RITA DA SILVA CAMILLO

**PROFESSORA: PROFISSÃO, DEDICAÇÃO E
ESPERANÇA EM TEMPOS INCERTOS.**

CAMPINAS

2006

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

RITA DA SILVA CAMILLO

**PROFESSORA: PROFISSÃO, DEDICAÇÃO E
ESPERANÇA EM TEMPOS INCERTOS**

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia - Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS

2006

© by Rita da Silva Camillo, 2006.

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Camillo, Rita da Silva

F1464m Professora: profissão, dedicação e esperança em tempos incertos :
memorial de formação / Rita da Silva Camillo. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1.Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual
deCampinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-409-BFE

Dedico ao meu pai Antonio Camillo (em memoria), que sempre sonhou em ter dentre uma de suas cinco filhas (num total de oito filhos), um professor. Quando eu cursava o primeiro ano no Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério - "Padre Ismael Simões", o CEFAM - Campinas: ele, teve um enfarto fulminante no dia 11 de outubro de 1991 e faleceu. O seu coração parou, mas a sua esperança está viva em minha luta diária por uma escola pública de qualidade.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	01
1. INFÂNCIA ROUBADA	02
2. CEFAM - PADRE ISMAEL SIMÕES – UMA LIÇÃO DE VIDA	20
3. TRANSIÇÃO: de agente comunitária de saúde – Campinas (2001) à professora polivalente em Hortolândia (2002)	26
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

APRESENTAÇÃO

O texto a seguir narra um pouquinho da trajetória cotidiana de uma professora em tempos contemporâneos de nossa sociedade. Sua infância, juventude, maturidade, acidentes de percurso, perda de entes queridos e muitos transtornos. Eu Rita da Silva Camillo, autora de todos os relatos, histórias e experiências de vida sei que não somos solitários em nossa sociedade, fazemos parte de um mundo cheio de gente, animais, plantas, automóveis, prédios e demais seres vivos, bens de consumo duráveis, não-duráveis, construções e infra-estruturas em geral.

Num contexto capitalista, pessoas são mão de obra, animais domésticos precisam de ração, plantas são vendidas e cultivadas por especialistas, automóveis, não são tão somente um bem de consumo durável das elites financeiras. Atualmente são transportes eficazes, mais baratos e com menos custo que as passagens de ônibus urbano, quando estes estão bem regulados, vistoriados com seus impostos em dia. A sua vantagem é inigualável, conseguindo muito rapidamente levar-nos de um serviço à outro e depois à um determinado curso ou faculdade, em meu caso o PROESF - UNICAMP.

As construções, fazem parte de cenários diversos, tanto as de nossas residências, quanto as moradias dos nossos alunos, escolas que trabalhamos e de toda infra-estrutura da UNICAMP, com sua faculdades, hospitais, departamentos, etc.

Em três anos passei pelas salas do IEL, Ciclo Básico I, Pavilhão Básico II, Engenharia Elétrica e Educação. Sempre com a mesma certeza: capacitar-me dia-dia, especializando-me ano-a-ano, em busca de uma liderança conquistada - a de poder exercer uma cidadania consciente junto as pessoas, animais, em trânsito, dentro e fora das construções, fazendo amigos, conquistando espaços, alcançando brilhantemente um enxergar lúcido das ideologias dos dias passados, presentes e futuros das nossa histórias de vida, das do mundo mas principalmente, as do universo da nossa sala de aula.

Capítulo 1. "Infância Roubada"

**"...inda tenho muita vida pra viver"
(Pai Grande - Milton Nascimento)**

Quando eu freqüentava o Jardim da Infância em 1981 (atualmente o Agrupamento 3), na EMEI - Carlos Zink, no bairro São Bernardo eu adorava ir à escola, tomava banho de bacia, brincando com bonequinhos, barquinhos e demais objetos, almoçava e para mim, a vida não estava completa se depois de uma manhã perfeita no fundo do quintal eu não fosse à aula.

Porém as agressões da professora puxando a minha orelha, chacolhando, não me ensinando as lições diárias, não a prendi à pintar vidro para entregar de lembrança para minha mãe, me humilhava, dizendo que eu era mentirosa quando eu tentava explicar coisas como ter dois copos: um de brincar na terra (simples) e um de tomar água (mais caro, com tampa). Na dúvida, penso que ela poderia ter consultado os meus pais, pedindo para que eu não brincasse com nenhum deles até que ela tivesse certeza. E o racismo vindo de muitos outros alunos? Fizeram eu ter verdadeiro horror à tia Lourdes e a todo o resto também. De menina feliz, sorridente, contente, passei a ser chorona, manhosa, gritava, fazia escândalos para não ir à aula, implorava para minha mãe pedir à diretora, a troca de período. Coisa que na ocasião, ela só atendeu no ano seguinte em 1982, com a professora Heloisa, a tia Loia.

Antes de contar toda a realidade sobre o pré que frequentei, só gostaria de deixar bem claro que o bloqueio sobre a minha permanência no infantil foi tamanha, que eu não chegava a lembrar-me do decorrer de todo o ano seja ele na escola ou em família. Foi um ano em minha vida que não existiu, pois dele sobrou somente "cacos", mágoas e um estupro a que recordo-me muito bem.

(...) "De que modo as pessoas percebem as crianças? Qual é o papel social da infância na sociedade moderna? Que valor é atribuído à criança por pessoas de diferentes classes e grupos sociais? Qual o significado de ser criança nas diferentes culturas? Como trabalhar com as crianças pequenas de maneira a considerar seu contexto de origem, seu desenvolvimento e o acesso aos conhecimentos direito social de todos? Como assegurar que a educação cumpra seu papel social diante de heterogeneidade das populações infantis e das

contradições da sociedade?" (...) "(BAZÍLIO - KRAMER, 2003, p 85)"

Vestindo bermudinha azul marinho, camisetinha branca, pois havia acabado de chegar da escolinha, fui para a casa da Angélica. Para minha surpresa o seu tio convidou-nos para que eu, ela e uma terceira menina a Lucélia ficássemos sentadas no fusca (café com leite) do seu cunhado o Seu Ângelo, ouvindo músicas de rádio. No horário de servirem o jantar em sua casa, o seu irmão o Muciomar, foi até o portão e gritou:

- Angélica, mamãe mandou você entrar pra comer.

Ela respondeu:

- Já vou...

O seu tio permitiu que apenas ela e a Lucélia pulassem do carro, quando chegou a minha vez ele segurou o meu braço falando:

- Fica mais um pouquinho menina, logo-logo ela voltará e vocês brincarão novamente.

Dali a pouco... nossa, só eu sei o terrorismo que foi olhar em direção a minha casa, ver algumas pessoas de minha família passando de lá para cá na sala em frente ao vidro. E eu... lá... dentro daquele carro escuro chorando de medo, de pavor, de paura, diante daquele homem mulato, troncudo, estúpido e armado dizendo:

-Cala tua boca e pára de chorar se não eu vou ser obrigado a te bater!

Vi minha mãe ir até o portão de casa, sair para fora de duas, três vezes e gritar por mim:

- Rita! Rita! Oh Rita! Onde será que essa menina se enfiou desta vez? - Rita.. vou mandar alguém ir atrás dela, já é hora dela entrar.

Há certas horas na vida da gente que todo santo ajuda, pois é, eu estava precisando de algum desses ou de todos ao mesmo tempo. O inevitável aconteceu, fui obrigada com apenas 5 anos de idade feitos por aqueles dias, a praticar sexo oral e ter de aceitar com que o infeliz praticasse em mim, além da manipulação, beijar minha boca mordendo muito fortemente os meus lábios. Algo muito mais agressivo, violento do que obsceno. Por fim o cachorro tirou-me do carro, conduzindo-me ao quintal da D. Maria, sua irmã e mãe da Angélica, minha amiga de infância. Lá ele puxou um banco alto, daqueles desconfortáveis de lanchonete, colocou-me em cima e tentou uma prática

sexual com penetração. Tentou, tentou, tentou, seu pênis por fim "broxou" e ele não conseguiu por dois motivos:

*primeiro - eu sendo uma menina de apenas 5 anos de idade, virgem, não conseguiria suportar tal agressão sem "grandes estragos", então ele desistiu;

* segundo - alguém da família da sua sobrinha ouvindo o barulho no quintal, acendeu a luz externa tentando ver, encontrar o motivo causador dos ruídos e sons, não encontrando nada aparentemente, deixou a luz acesa e entrou para dentro da casa novamente.

O infeliz pegou um pano todo imundo que ele achou por ali mesmo e passou em mim.

(...) "o significado ideológico da criança e o valor social atribuído à infância, têm sido objeto de estudo da sociologia, ajudando a entender que a dependência da criança em relação ao adulto é o fato social e não natural. A distribuição desigual de poder entre adultos e crianças tem razões sociais e ideológicas, que repercutem no controle e na dominação de grupos" (...) " Mais recentemente, outras questões vem inquietando os que atuam nesta área: trata-se de estudos críticos que denunciam o desaparecimento da infância. Perguntam de que infância falamos, já que a violência contra as crianças e entre elas se tornou uma constante..." (...) "(BASÍLIO E KRAMER, 2003, 86)"

Conclusão: Sei lá, aprendi a conviver com o ocorrido, mesmo porque quando entrei em minha casa toda suja, imunda, melada, gosmenta eu quis tomar um banho ou lavar-me. Parei em frente a porta do banheiro e pensei:

"- Se eu for tomar banho, minha mãe vai perguntar:" – Por que você tá tomando banho e a essa hora da noite Rita? (aproximadamente 9h) O que aconteceu? " - Daí, eu vou ter que explicar. E o qué que foi mesmo que aconteceu? "

Hoje, nem mesma eu ainda não teria palavras exatas para conseguir aproximar um determinado leitor ou ouvinte a compreender tamanha barbárie, imundices, principalmente o fato de ter engolido tudo, tudo, tudo, tudinho no decorrer do sexo oral.

Depois desse dia, ele ainda tentou obrigar-me a voltar a fazer "favores" à ele, pois eu muito idiotamente, gostava de brincar com a Angélica e como ela tinha bicicletas, brinquedos caros, video-game, jogos de tabuleiros, tapete branco felpudo, quintal e garagem cimentados e seu pai investigador da polícia, dono de uma caravan, um fusca, telefone sem fio, freezer, televisor colorido, tudo isso antes dessas porcarias modernas tornarem-se banais na vida de todos, até das classes médias e operárias. Eu sempre rodeava sua casa feito vespa achando que ela fosse rica.

(...) Na era pós-industrial não haveria mais lugar para o "Era uma vez...". A idéia da infância, uma das invenções mais humanitária da modernidade, estaria destruída; com a mídia, a televisão, Internet, o acesso das crianças ao fruto proibido da informação adulta teria terminado por expulsá-las do jardim-de-infância" (...) "(POSTMAN, 1999, por BASÍLIO E KRAMER , 2003, p 86)

E foi assim, em uma dessas vezes que o mal caráter do seu tio estava por lá, aquele "militar dos infernos" e quando todos foram para a cozinha o que é que ele fez? Agarrou o meu braço e falou com uma cara ameaçadora, de bandido, de louco demente:

- Vamos fazer aquelas brincadeiras novamente?

Eu tentei fugir e ele com apenas uma de suas mãos, fechou-a inteirinha em volta do meu fino braço, não deixando com que eu escapasse. Mas acontece que era dia e eu estava na porta da sala, perto da saída e do portão. Quando o Muciomar (que atualmente tem 32 anos - militar), apareceu no corredor que ligava a cozinha e as demais dependências da casa, o imbecil assustou-se e rispidamente soltou o meu braço. Sai correndo, vestida com meu uniforme de escolinha, só que desta vez estava indo estudar. E lá no meio da rua, eu numa mistura de riso, nervoso e agitação pensei e falei com meus botões, como uma verdadeira boboca afirmando assim dentro de mim : - Há, há, há, brincadeira que nada, credo homem malvado, fedido, só ele pra querer judiar da gente assim e ainda falar que é brincadeira.

Tal infeliz, era mineiro, casado pai de três filhos hoje eu sei que ele é um pedófilo. Mas na ocasião, independente das minhas convicções, procurei evitar por um

bom tempo ir a casa da minha amiga Angélica e somente brincar com ela dentro de minha casa ou no máximo em frente à, ela na calçada.

"Ser Feliz"

Ufa! 1982, ano da Copa do mundo. O mascote da Copa era uma laranjinha e podíamos juntar tampinhas de refrigerantes da uma Coca-cola e trocar por bandeirinhas dos países participante, jogadores de futebol que mexiam a perna, goleiro, campo, etc. Eu na época com 6 anos, e minhas irmãs Maria 21 anos, (que no ano seguinte teve uma infecção generalizada perdendo sua audição), Marisilvia 23 anos, e sua duas filhas a Adriana 3 anos e a Andréia 2 anos, fazíamos de tudo para conseguir as bugigangas e quinquilharias dessa promoção. Foi bem nesta época que vindo de uma de nossas andanças do centro da cidade de Campinas, ao descer do ônibus, estando de mãos dadas com as minhas irmãs eu queria brincar de corrida e chegar em primeiro lugar ao outro lado da calçada da Av. Rio de Janeiro sentido rua Sergipe, onde morávamos e onde passei minha infância inteirinha é que eu corri como um verdadeiro busca-pé ou serpentina, daqueles usados em comemoração juninas. Claro que o feito só poderia ter acabado num atropelamento.

Aqueles que presenciaram toda a cena, afirmam que o taxista do corcel I verde tentou frear, mas não conseguiu. Neste caso ele não teve culpa. Porque uma coisa é a sua imprudência em estar alcoolizado, a outra foi eu ter sido destemida e tentar contra minha própria vida, atirando-me com velocidade de corrida de uma margem da calçada, querendo alcançar a outra despreocupadamente, apavorando, frustrando e neurotizando minhas irmãs. Fui encaminhada ao pronto socorro do hospital Dr. Mario Gatti, pelo bêbado, quero dizer, pelo motorista de táxi. Chegando lá, tive que ficar sentada num banco e aguardar como todos o momento de ser atendida. Acontece que pela gravidade da situação, o meu choro e a cara de nojo, arrepio das demais pessoas que ali estavam, fizeram com que eu tentasse olhar para minha perna. Minha irmã a Marisilvia não deixava, segurando-me pelo meio do corpo e os meus braços. Fiz um esforço imenso, até conseguir curvar o meu corpo para frente e compreender o motivo dos olhares em minha direção; fratura exposta!

O meu osso da perna direita rompeu e perfurou a carne. Daí... é que de choro eu passei a gritar, gritar e quanto mais esforço e movimentos eu fazia, mais sangue saía do

local das três fraturas: a exposta e as duas onde trincou o osso da perna em dois outros lugares. Um médico foi verificar o porque dos meus berros, percebendo a gravidade do acidente, deu ordem para que os funcionários da enfermagem colocassem-me numa maca no corredor interno, e que ali eu deveria ficar em repouso até fazer a digestão do lanche que eu havia consumido. O médico afirmou para minha irmã, que não havia possibilidade nenhuma dele e a equipe cirúrgica de plantão no hospital realizarem algum procedimento em minha fratura antes do meu estômago cheio fazer digestão. Fui sedada e dormi.

Enquanto isso na Sergipe 35, meu pai Antonio 58 anos, minha mãe Maria 41 anos, meus irmãos: Pedro 14 anos, Antonio 16 anos, o Toninho e minhas outras irmãs, a Cecília 26 anos e a que atualmente mora comigo a Francisca 25 anos, estavam comendo pipocas. Quando de repente entra uma vizinha a Célia, sem bater na porta afirmando:

- Seu Antonio, D. Cidinha, a Ritinha foi atropelada agorinha ai na Av. Rio de Janeiro, mas não se preocupem não, que já deu tudo certo e o homem que atropelou já levou a menina pró hospital, junto com a outra filha de vocês a Silvinha (Marisilvia).

Meu pai, minha irmã a Francisca e meu avô que era meu vizinho, foram a pé até o pronto socorro. A Cecília ficou em casa com meus outros dois irmãos. Quanto a Maria, quando chegou em casa estava em estado de choque, chorando e soluçando, sentindo-se culpada pelo ocorrido, mesmo porque antes do atropelamento eu estava segurando em uma de suas mãos.

"De lá pra cá num passat branco

Sou de uma época em que o aluno era ameaçado de não conseguir a vaga na 1 série do primeiro grau caso não freqüenta-se regularmente o curso pré escolar em alguma EMEI ou escolinha. Sabendo disso, minha professora Heloisa, a tia Loia, foi em casa, num sábado visitar-me, levando um brinquedo de borracha de um menino skaitista. Ficando muito sensibilizada em perceber que talvez eu não conseguiria ir para o fundamental no ano seguinte em 1983, combinou de ir em casa pela manhã, meia hora antes da entrada dos demais alunos.

Todos os dias eram assim: a Loia chegava com seu carro, meu pai, meu irmão Toninho ou uma de minhas irmãs carregavam-me até o seu carro, colocando-me sempre sentadinha ao seu lado. Naquela época, criança sentava onde quisesse num veículo, hoje em dia não é crime, e a pessoa que desobedecer e for pega por um policial militar ou

rodoviário, poderá fazer pontos em sua carteira, correndo o risco de perder a mesma. Então, quando chegávamos em frente a escola, era ela a Loia quem me levava até o refeitório enquanto abria todas as portas da escola, depois do refeitório para a sala de aula, da sala para o banheiro, do banheiro para o parque, até por umas três semanas, até minha mãe fazer uma bengalinha improvisada de cabo de vassoura, para que devagar devagarinho eu pudesse por mim mesma caminhar.

Mais que uma super - professora, era também uma super - mulher, sempre muito linda, arrumadona, de cabelos compridos, de saia, brincos, correntinhas, pulseirinhas, sandálias e bem maquilada. Eu nunca em minha vida inteira, nunca havia sentido tanto amor, carinho e respeito de um alguém fora da minha família. Não era parente, amiga de longa data e eu nunca fui uma dessas alunas queridinhas, até quebrar a perna e ser tratada como o seu "bebê de chumbo" era assim o seu jeitinho carinhoso em me chamar quando ministrava remédios, antibióticos, recomendava cuidados e zelos em demasia.

- Rita, meu bebê de chumbo, pesado, e olha que o seu gesso pesa muito mais que você heim!

Ela tinha bastante razão ao dizer isso à meu respeito, pois o engessamento feito em minha perna, ia do pé direito até a altura da coxa, o fêmur. Na ocasião, de 20k que eu tina, ao ficar internada por sete dias no hospital emagreci 6k.

(...) "Defendo uma concepção de criança que reconhece o que é específico da infância - seu poder e imaginação, fantasia, criação - e entender as crianças como cidadãs, pessoas que produzem cultura e são nela produzidas, que possuem um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, subvertendo essa ordem. Esse modo de ver as crianças pode ensinar não só a entendê-las, mas também a ver o mundo a partir do ponto de vista da infância, pode nos ajudar a aprender com elas" (...) (BAZÍLIO E KRAMER , 2003, p 91)

Acreditem se quiserem mas desde os meus quatro anos de idade eu já sonhava em ser professora e fui saber só entre 8 e 10 anos de idade que era também um sonho de consumo compartilhado com meu pai, em ver uma de suas cinco filhas seguir a profissão. Porém nesta minha idade, todos já estavam seguindo outros caminhos, eu seria a única capaz de realizar este seu desejo de uma vida inteira. Gosto muito de ser uma professora e admito a grande influência da Loia até os dias atuais em minha

carreira e batalha diária por um ensino público de qualidade. Não estou descrevendo uma utopia, ser feliz com meus alunos é uma missão que levo muito a sério. As crianças, os pais e familiares esperam, confiam que eu em minha aula possa trazer aos seus algo que seja bom. Por isso que em minhas aulas há muitas brincadeiras infantis, músicas, poemas, jogos, e lição, pois infelizmente a comunidade é muito conteudista, por conseqüência, os alunos também e fazem tudo tão rápido que eu não me perdoou, mas sou obrigada a mandar "goela à baixo", vários tipos de tarefas todos os dias. as vezes, até acelerando alguma atividade para poder dar conta deles que quando não tem lições, são incapazes de brincarem por um determinado tempo (30 minutos), sem quebrarem a cara de um e de outro.

Ser professor num país como o nosso é muito mais que uma profissão é vestir dia - dia a bandeira de um Brasil colônia, sem identidade própria, onde os funcionários da educação não enxergam as dimensões dos poderes que cada escola, cada núcleo tem em mãos. Em nosso trabalho, a televisão é um auxiliar maravilhoso, pois o seu apoio tem uma amplitude direcionada como auxiliar e não como o centro, bem diferente do nosso lar que são pequenos apartamentos ou casa populares, onde o infante, o jovem, o adulto e o descanso de uma vida inteira de prestações de serviço desenvolvem-se em frente à mídia, através não tão somente pela nossa comodidade, mas por causa da violência social, o alto custo de um passeio, um cinema, um teatro, idas ao clube, viagens ou demais tipos de lazeres.

Desenhos como "Os Incríveis", negam o direito a maternidade, quando o anti - herói Síndrome, o vilão afirma em sua ilha particular que a Mulher Elástica, esposa do Sr. Incrível, não tinha televisão, ficando sub - entendido o motivo deles terem tido mais de um filho em seu tempo de casado, no desenho três filhos:

Vejamos as falas do monólogo de Síndrome no momento da captura da família de heróis:

- O dá um tempo
- O que é isso aí?
- Combinandinho, oh não, mulher elástica!
- Tu casou com a mulher elástica?
- E eles não tinham televisão, olhe a super - prole toda aí!
- Acho que eu ganhei na loteria.

No Dumbo, temos um elefante que só tem lugar como palhaço num circo, por ser considerado por todos como um ser aberrante. Nas historinhas do ursinho Pooh, a

coruja (símbolo muito usado por professores), é excessivamente cansativo, o Sr. Coelho é mandão, tem sempre à razão, o porquinho Leitão é pequeno, incapaz, o Tigrão é hiperativo, teimoso, atrapalhado, agitado, o protagonista de quase todas as histórias o ursinho Pooh, fala muito devagar é apático, vagaroso, preguiçoso, o Guru é um filhote de canguru e não tem voz ativa. Quanto ao Ió? Bem... ele é um burro, mora numa cabaninha de madeira, reclamão, desanimado, com ar deprimido. No longa metragem "o Efalante", o burrinho fica excluído o tempo todo de todas as cenas importantes, aparece somente carregando todas as coisas e equipamentos necessários para a captura do Efalante. No término do desenho, quando é mostrado na tela todos os nomes da equipe técnica e desenhistas.

Será que é necessário descrever o Efanlante? Um filhote de elefante? Gordinha, brincalhona, barulhenta, forte, teimosa, afinal ela é a Efigênia Tronconete Efalante Quatro, mas todos a chamam de Bolota. Todos sabem que tais animais, os elefantes, tem sua pele ou couro escuro e são originários da Índia ou do continente africano, onde suas populações são excluídas pelo próprio sistema capitalista em algum dia serem de primeiro mundo.

Guru? Os cangurus são animais da Novíssimo Continente a Austrália. E todo o núcleo de amigos do Pooh, criado por um médico inglês para seu filho, atualmente são "cidadãos americanos", pois os Estados Unidos assim o reconheceram (roubando os direitos autorais). O nosso amiguinho Guru afirma que Efalante, é diferente e afirma que elefante é legal, quando os seus amigos cantam e descrevem o jeito de um deles com todos os seus preconceitos e ideologias:

- " ... - com chifres em cima e em baixo também
- Pois pra meter medo
- Não tem pra ninguém
- é um monstro, terrível, indestrutível o horripilante Efalante.

As crianças e demais telespectadores, que como promissores capitalistas que são, notam que o padrão europeu ou americanizado de ser feliz, vinculado a Disney World, Mc'Donald's, tênis Nike, Reebok, e outros, estão sempre na moda.

(...) " O objetivo deste estudo é expor a mídia, particularmente a televisão, como um dispositivo que integra o aparato pedagógico das sociedades governamentais modernas, ensinando muitas coisas,

entre elas um conjunto de verdades que compõem o currículo cultural no qual se aprende a dividir o mundo" (...) (COSTA - 2002, p 20)

As crianças são preparadas para o mercado de trabalho desde muito pequeninas e o neoliberalismo está presente quando a moral dos desenhos trata assuntos infantis como o amor, a amizade, a curiosidade como preciosidades capitalistas. Exemplo:

Quando no longa metragem " Leitão o Filme", em uma das lembranças compartilhadas (de situações de desenhos anteriores) vividas pelos personagens, que estão como registros no diário do Leitão, Pooh, juntam-se à seus amigos para pegarem mel das abelhas suas inimigas. Ele tem em sua casa na árvore potes de mel distribuídos pelo chão, em cima da

as em quadrinhos, longa metragens, curtas, estamparias de roupas, calçados, lápis de cor, canetinhas, produtos alimentícios, fraldas descartáveis, etc.

(...) " ...O desenvolvimento é sempre um modelo, nunca um princípio essencial de natureza pré-social ou pré-política. Para não ferir susceptibilidades, podemos dizer que no Brasil, vivemos um particular "modelo de desenvolvimento" que contraria a simplória afirmação de que a educação é a chave do cofre da felicidade." (...) (GENTILI - 2001, p 57)

Voltando um pouquinho no tempo e lembrando quando a professora Loia, fez questão que eu estivesse presente na formatura dos alunos do pré da EMEI_ Carlos Zink em 1982, aumentou o senso de alunos negros com direito a educação básica no Brasil.

Apesar de na ocasião eu ser criança, tive mais vontade ainda em ser professora, pois ser professor é ser humano, ter capacidade de transformar e intervir nas diferentes realidades sociais, incluindo no cotidiano escolar o índio, o negro e o branco presentes em minha genética.

" O A-B-C tradicional da EEPG -Genny Rodrigues"

(...) "Há uma crença muito difundida, atualmente, de que a educação escolar é um meio eficaz e disponível para que as pessoas possam melhorar sua posição na sociedade. Se as pessoas em pior posição puderem ingressar na escola pública e tiverem motivação para utilizar construtivamente as aquisições intelectuais por ela propiciadas será certa a melhoria de sua posição" (...) (CUNHA - 1980, p 27)

Lá estou eu , no meu no meu primeiro dia de aula no EEPG_ Professora Genny Rodrigues - Campinas, bairro São Bernardo, numa primeira série com a professora Lígia, lendo a cartilha Mundo Mágico, que meu pai fez questão de comprar. Seu início de páginas, era cheio de exercícios de coordenação: fazer bolinha, circular a figura menor, fazer um "x" no conjunto com mais patinhos, pintar a menina menor... enfim, aquelas coisinhas que a gente faz em livrinhos e revistinhas, encartes de jornais com muita facilidade, pois se numa folha plana eu tenho que saber a figura que esta mais perto e a que esta longe, qual é a maior ou menor, temos que obedecer os comandos do professor se quisermos elogios e notas boas.

Lígia era super legal com os alunos de uma forma geral e desde o nosso primeiro dia de aula ela avisou que faltavam apenas três anos para sua aposentadoria. Bom saber que ela conseguiu na época algo que atualmente estamos ameaçados de talvez não conseguirmos, estando fadadas(os) a trabalharmos até o dia de nossa morte, enfim,

espero nunca perder emoção em ministrar aulas, hoje com 30 anos, logo mais com 55, 60, 70, 75, 80, 85, 90, 95, 100, 105 anos...

D. Lígia, ensinou-me em ser ótima em:

A - E - I - O - U

A - B - C - D - E - F - G - H - I - J - K - L - M - N

O - P - Q - R - S - T - U - V - W - X - Y - Z

BA - BE - BI - BO - BU

ZA - ZE - ZI - ZO - ZU

De um jeito que nas primeiras semanas de aula eu já lia e escrevia algumas coisinhas como :

" BOI BABA

O BEBÊ DE BIA É BONITO

DUDU E DIDI BRINCAM COM UM DADO

A PATA NADA

FÁBIU TEM UMA FACA

HOJE VI UM HIPOPÓTAMO

VOVÔ VIU A UVA

ZAZÁ TOCA ZABUMBA "

(...) " ... a escola configura-se numa situação privilegiada, a partir da qual podemos detectar a dimensão pedagógica que subsiste no interior da prática social global. " (...) (SAVIANI -1991, p 22)

A professora Lígia foi feliz com sua metodologia em mandar estudar o texto de uma determinada família silábica em casa, ler em voz alta, fazer uma, duas, três cópias das mesmas frases e palavras, segundo o nível de cada aluno, seu comportamento em sala de aula e a higiene de seu livro, caderno e material de uso diário. Eu sempre estive entre os alunos regulares e bons, inclusive algo que aquietou-me foi ver dois vermelhos logo no primeiro bimestre "D! nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática. Eu sempre questioneei este ocorrido:

- Mas como?
- Eu sei tudo que ela manda eu fazer?
- Sempre acerto tudinho?
- Não estou na fileira dos fracos (perto dos vitoriosos), não estou nas dos fortes, dos alunos repetentes (perto da parede) e sim na dos médios (no centro) onde ficam alunos como eu no andamento normal. Enfim... deixa pra lá.

(...) "A nossa formação docente muitas vezes é marcada por uma inculcação de preconceitos que, certamente, corroboram para a produção de maiorias invisíveis e silenciadas e isto é tão forte que nem percebemos" (...) (TRINDADE - SANTOS ; 2000, p 9)

Hoje como professora, penso na possibilidade dela ter errado a minha nota e não ter querido mudar. Eu por não ter reclamado, minha família nem ligou, então o seu proceder ficou inquestionável. Porém sei que há professores que: primeiramente dão notas ruins como o antigo "D" e atualmente "4,0 ou 4,5", para que nos bimestres seguintes ele "redentor do saber", "a cima de todo bem e mal", "preenchedor de tabulas rasas", atribuíam notas melhores caso aquele aluno melhorasse seu desempenho, seu destino, se o tal milagre deixasse de ocorrer, o "D ou 4,0/4,5" seriam mantidos no(s) bimestre(s) seguinte(s).

(...) "Nova Escola - Pergunta: - Existe alguma justificativa pedagógica para o recurso da reprovação?"

Cipriano - Resposta: - Do ponto de vista pedagógico, de fato, não existe nenhuma razão cabível. A reprovação é um fenômeno que, historicamente, tem a ver com a ideologia de que, se o estudante não aprende, isso se dá exclusivamente por responsabilidade dele. As frases reveladoras são aquelas do gênero "eles não querem mais nada", "não estudam", "não têm interesse" etc. Muitas outras razões, além do próprio aluno, podem conduzir ao fracasso escolar, como as políticas públicas que investem pouco no professor e no ensino, com baixos salários e problemas de infraestrutura. O recurso da reprovação não existe em

*sistemas escolares de países que efetivamente investem na qualidade da aprendizagem." (...)
(CIPRIANO - 2006, p 19)*

Muitas Lígias passaram por mim : na segunda série, D. Terezinha, na terceira D. Wanda, na quarta D. Mercedes.

" Ginásio : será que algo mudou? Ou se transformou?"

Se reclamamos do primeiro ciclo, o segundo a diferença é muito maior quanto o professor deixar de ser polivalente e todas as disciplinas agora serem distintas, fragmentadas e ministradas por diferentes especialistas de: História, Geografia, Matemática, Inglês, Língua Portuguesa, Ciências e Saúde, Educação Moral e Cívica, Educação Física Educação Artística, Física, etc.

(...) "As crianças e os adolescentes vão à escola para aprender..." (...) "...e seus professores dizem que estão formando o cidadão!!! Não se dão conta de que, com esse tipo de conteúdo, estão formando é o cidadão almejado pela cultura grega clássica de mais de 2 mil anos. A elite daquela cultura (composta pelos homens gregos livre e que excluía, portanto, a grande maioria da população, composta de mulheres, escravos e estrangeiros) acreditava que para se formar o cidadão com direito à participação na vida da polis eram necessários esses tipos de conhecimento." (...) (ARAÚJO - 2003, p 31)

Há um verdadeiro bailado entre os professores das matérias escolar dia-dia: sai da sala da quinta entra na da sétima, sai da sétima entra na sexta, sai da sexta entra na outra sexta e outra, outra, outra, outra até o último horário da sexta-feira, dia da semana.

Nossa! Agora entendo porque alguns professores chegavam em minha sala de aula reclamando das andanças que faziam de uma escola à outra e por dentro delas também, muitas vezes sem irem ao banheiro. Não esquecendo nunca que todo professor trás consigo umas enormes bagagens de livros, cadernos e coisas mil.

Nesta época de 1987 à 1990, que vai da quinta à oitava série do primeiro grau, tive que aceitar como todas as outras crianças e jovens o fato de participar da Educação Física funcionando em horário oposto à aula ministrada em salas convencionais. Eu com aquele baita corpão, pois nunca fui delicada, porque depois do atropelamento aos 6 anos de idade, minha mãe fez com que eu tomasse vitaminas na marra, tipo: "ou engoli a colherada de remédio ou apanha". Sempre preferi a primeira opção, brava, revoltada, devido ao meu corpo estar ficando cheinho, gordinho e meu apetite incontrolável.

Como todas as demais meninas, eu estava sempre de shortinho vermelho que mais assemelhava-se a uma calcinha fofa, igualzinha aquelas que são postas em bebês. Camiseta branca com o emblema da escola, meias brancas e tênis também branco ou azul marinho. Corríamos, corríamos, corríamos sem parar, mudando só o estilo; de frente, de costas, de um lado, do outro lado, de cócoras, num pé só até a exaustão. Após o aquecimento, fazíamos exercícios, jogávamos futebol, voleibol, basquetebol, queimada. Tudo foi sempre muito igual, só mudando o nome dos (as) professores(as) e as séries: Edgar na quinta (1987), Renata na sexta (1988), Bia na sétima (1989) e Sérgio na oitava (1990).

Diferente em muitas de suas exigências quanto ao local de suas aulas, uniforme e quanto a conversar abertamente com os alunos, sentíamos em Sérgio, um professor que gostava da sua profissão, independente de ser tradicional em sua metodologia e abordagem.

(...) "Perspectiva da Educação Física Escolar..." (...)
"Apoia-se nos fundamentos sociológicos, filosóficos, antropológicos, psicológicos e enfaticamente, nos biológicos para educar o homem forte, ágil, apto, empreendedor, que disputa uma situação social privilegiada na sociedade competitiva de livre concorrência: a capitalista. Procura, através da educação, adaptar o homem à sociedade, alienando-o da sua condição de sujeito histórico, capaz de interferir na transformação da mesma. Recorre à filosofia liberal para a formação do caráter do indivíduo, valorizando a obediência, o respeito às normas e à hierarquia. Apoia-se na pedagogia tradicional influenciada pela tendência biologista para adestrá-lo. Essas concepções e fundamentos informam um dado tratamento do conhecimento." (...)
(Coletivo de Autores-1992, 36)

Sérgio como chamávamos, não gostava de fazer suas aulas na escola Genny Rodrigues, preferia encontrar-se com todos(as) os(as) alunos(as) no ginásio de esportes Roge Ferreira, que fica dentro da praça de esportes Argemiro Roque, ao lado do tão temível "cadeião" do bairro São Bernardo, onde atualmente há uma prisão feminina. Lá tínhamos o ginásio coberto com seu piso de madeira, especial para a prática esportiva, arquibancada, sanitários excelentes. Na praça de esportes: quadras cimentadas, campo de futebol gramado, pista de terra própria para o desenvolvimento de caminhadas, corridas em todo um ambiente arborizado, silencioso com inúmeros recursos de materiais, longe da quadra de terra toda impueirada, dos intervalos barulhentos e de todos os olhares curiosos e enxeridos de todas as turmas de alunos do período oposto as de Educação Física.

(...) "As aulas de educação física são ministradas exclusivamente em espaços livres: quadras, campo, terrenos e na ausência destes, em praças e clubes situados nas imediações das escolas." (...) (COLETIVO DE AUTORES -1992, p 38)

Eu conheci o Argemiro Roque quando vivo, era uma excelente criatura, sempre muito falastrão, simpático, costumava dar folhas jambolão para as mulheres, senhoras e jovens que caminhavam na pista de terra. Tais folhas eram usadas para fazer chá emagrecedor, minhas vizinhas de bairro, irmãs e até minha mãe, (viva nesta ocasião), adoravam ficar caminhando e conversando sobre amenidades. Alimentos benéficos a saúde e sobre o chá.

Felizmente, o professor Sérgio deixou com que eu fizesse parte da equipe de atletismo da treinadora Rita Geremias, onde pude emagrecer praticando corridas de percurso, de troca de bastão, salto em altura, distância, arremesso de peso, dardo de vara e demais modalidades esportivas. Sua única exigência, foi feita com relação a minha frequência junto a equipe de atletas.

(...) "Nessa linha de raciocínio pode-se constatar que o objetivo é desenvolver a aptidão física. O conhecimento que se pretende que o aluno apreenda é o exercício de atividades corporais que lhe permitam atingir o máximo rendimento de sua

capacidade física. Os conteúdos são selecionados de acordo com a perspectiva do conhecimento que a escola elege para apresentar ao aluno." (...) (Coletivo de autores - 1992, p 36)

Terminava o atletismo, eu ia para casa almoçar e voltar para as demais aulas do dia. Quantos “sapos” não engolia por ser obrigada a aceitar todas as ordens de um determinado professor? Descasos, leituras contínuas sobre o povo persa, mesopotêmico, provas surpresas em História, onde qualquer comentário sobre as questões estarem fáceis, de 5, D. Maria Amélia dobrava a quantia. E a D. Fátima, ameaçou a gente de reprova uma certa ocasião caso não fossemos assistir suas aulas em época de greve.

(...) "...os desenvolvimentos disciplinares trouxeram a vantagem da divisão do trabalho..." (...) "...bem como a elucidação de inúmeros fenômenos. Mas não somente isso, trouxeram também os inconvenientes da superespecialização, do confinamento, da ignorância e da cegueira." (...) (MORIM (2000), In: ARAÚJO (2003), p 9)

Cheguei a ir zozna, pálida, com fome, pois minhas cólicas menstruais quando jovem faziam eu vomitar, vomitar, além da forte diarreia.

Ana Virgínia, a professora de Geografia estava com a gente desde o segundo semestre de 1989 e desde então, minha turma teve a honra em conhece-lá Que professora diferente! Humana gente fina! Foi a primeira vez em que no primeiro grau, pude encontrar alguém cheio de sentimentos como a Loia do pré da educação infantil. Ela chorava, ficava brava quando preciso fosse, sorria, brincava, afirmava que era perseguido pelo demais professores da escola. Segundo seus depoimentos, os seus rótulos eram muitos: revolucionária, diferente, agitadora, puxa-saco de aluno, etc.

(...) "...a escola, enquanto instituição pública criada pela sociedade para educar as futuras gerações, deve se preocupar também com a construção da cidadania, nos moldes que atualmente entendemos, e não de acordo com os princípios da cultura grega clássica. Se os pressupostos atuais da cidadania procuram garantir uma vida digna e a participação na vida política e na vida pública para todos os seres humanos, e não apenas para uma pequena parcela da população, essa escola deve ser

democrática, inclusiva e de qualidade, para todos e para todas as crianças e adolescentes. Para isso, deve promover - na teoria e na prática - as condições mínimas para que tais objetivos sejam alcançados na sociedade." (...) (ARAÚJO - 2033, p 32-33)

Ana foi a paraninfa das duas turmas de oitava série da escola Genny Rodrigues no ano de 1990. Ajudava a administrar o nosso dinheirinho ganhado em pedágios feitos na avenida das Amoreiras, trotes, venda de pratos de doces, bolos, salgadinhos e croquetes saborosos que na época, semanas antes de sua morte dia 11 de setembro deste mesmo ano. Foi um infarto fulminante em que após cinco tentativas de reanimá-la, na terceira ela já estava (segundo a equipe médica do Hospital Mário Gatti), em estado vegetativo ou morte cerebral.

Na festa dos formandos realizada no pátio da escola, meu pai, eu, minhas irmãs a Francisca, a Maria e a Cecília estávamos todas ainda chateadas com a morte de nossa mãe aos 50 anos de idade. Foi e sempre será uma grande mulher, pois em vida foi mais uma "Maria Aparecida cansada de guerra", que criou sete de seus oito filhos, pois perdera um no ano de 1965. Seu nome era Luiz e todos o chamavam de Luizinho, por ser o caçula. Saudade não é coisa boa, o tempo, os acontecimentos, as histórias não voltam atrás. Não sei o que acontece após a morte, desejo que sejam coisas boas a essência que habita dentro da gente. Quanto ao corpo? Apodrece, como tudo que morre e fica sem o dom da vida.

Capítulo 2. : "CEFAM - Padre Ismael Simões uma Lição de Vida"

*"Quem é esse peregrino
Que caminha sem para?
Quem é esse meu poeta
Que ninguém pode calar?
Quem é esse?"*

(Menestrel das Alagoas - Milton Nascimento Fernando Brant)

Final de ano de 1990 fui com minha irmã Francisca ao colégio Culto a Ciência o "Cutuca" - UNICAMP, saber a respeito do curso de Técnico em Enfermagem, mas descobri que eu não poderia prestar exame aquele ano letivo, somente o próximo. Eu até o último minuto omiti a minha vontade em cursar o CEFAM e ser professora. Não queria estar responsável por uma sala de aula e ter que encarar meus preconceitos todos à " flor da pele." Tendo que encarar questionamentos pessoais como:

“- Será que aceitaram uma professora negra com facilidade?”.

"- Será que perceberão que competência, não tem nada haver com a cor parda ou negra e os meus cabelos serem crespos?"

Bobagens, pensamentos de um alguém que ainda não havia prestado o vestibulinho. Mas... depois de tirar nota alta de Maravilhosos "21,5", ser professora só de morariam 4 anos de um integral, de um curso que tinha 6 disciplinas a serem cumpridas presencialmente das 7h15min às 12h30min, com pausa de 1:00hora para o almoço. No retorno as aulas ficávamos das 13h30min às 17h30min, estudando as demais.

Nesta nova realidade em 1991, nós alunos, os familiares e a comunidade fomos convidados a protestarmos para que tivéssemos o início da construção de uma sede, pois suas sala há 4 anos que funcionavam conjuntamente com as da EEPSPG - Sebastião Ramos Nogueira - São Bernardo. Como tudo em minha vida escolar infantil,

fundamental e agora o meu 2º grau profissionalizante tudo num mesmo bairro e em Campinas, caminhando menos de uma quadra.

O resultado da manifestação do CEFAM foi a seguinte, o Instituto Presidente Kenedy, que funcionava ao lado, emprestou duas salas para as séries 1ª A e B por dois anos, prazo que o estado deu para a iniciar e terminar a
con

antão declararão óbito.

(...) "Artigo XXV. 1. Todo homem tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem-estar inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis..." (...) (ONU, 1948, p 4)

Fico feliz de tal artigo ter sido levado a sério neste hospital, pois dois meses antes, minha irmã esteve no hospital Mário Gatti com meu pai e o estagiário de plantão não soube interpretar o eletrocardiograma dele na ocasião, não pedindo auxílio a nenhum dos outros médicos de plantão. Conclusão: minha irmã levou até bronca do Dr. Sebastião na madrugada seguinte, sobre correr com meu pai que estava sendo diagnosticado por ele como um paciente cardíaco crônico tendo a agravante de hemorragia intestinal, precisando receber assim que o banco de sangue abrisse no dia pela manhã, a transfusão de 3 litros de sangue.

Meu pai não foi diagnosticado a tempo, e sei que ele mereceria maior respeito em seu diagnóstico precoce, errado e mal feito de dois meses atrás, por ele ter sido um

ser humano maravilhoso, que soube viver com dignidade por toda a sua vida até em seu leito de morte.

No CEFAM, aprendemos muitos sobre sermos cidadãos conscientes e questionando tudo:

"- Porque a pata nada?"

"- Porque o boi baba?"

"- Porque todos os anos temos que colar algodão no rabicho do coelhinho?"

"- Porque a maior parte das crianças da educação infantil não consegue o direito a vaga em determinados bairros de uma cidade??"

"- Porque usam crachás?"

“- Porque cumprem horários como: vídeo, banheiro, alimentação, beber água, brincar e irem ao parque??"

"-Porque sentasse umas atrás das outras olhando sempre para a nuca do amigo?"

(...) "Tudo que temos é resultado do trabalho. Resta agora saber: Trabalho de quem? Quem trabalha? Para quem se trabalha? Em que tipo sociedade?" (...) (FARIA - 2002, p 23)

Afirmavam também no magistério, que eles não ensinavam ninguém a pensar, as pessoas tem suas idéias, opiniões e ideologias, eles somente explicariam alguns dos dispositivos inconscientes de dominação a qual estamos inseridos.

(...) "O novo professor deverá refletir sobre os "novos métodos..." (...) "Com a ilusão de se dar uma educação "livre" , voltada para as necessidades do aluno, o que se faz realmente é o "jogo" do sistema. Esvazia-se de conteúdo a escola, parte-se para o empirismo pelo empirismo, desta forma mantendo os alunos onde estão, com o pretexto de que o saber é sempre burguês e, portanto, não deve ser ensinado ao proletariado." (...) (FARIA - 2002, p 90)

Tenho ainda um sentimento em meu coração muito forte por aqueles que responsabilmente foram alguns dos professores que mais paixões despertou em mim pela necessidade e obrigação em sermos antes de mais nada gente, são eles: Didática - Kátia, História da Educação no Brasil - Maria Delza, Metodologia em Matemática -

Ronaldo, Língua Portuguesa - Andreia, Filosofia da Educação - Humberto, Metodologia em Artes - Roberta, Psicologia da Educação Infantil - Luzia, Química - Maria Tereza. Estes representarão sempre, por toda a minha carreira como professora todos os demais. Tínhamos no CEFAM -Campinas, 44 docentes, que distribuído, por entre as 4 turmas de 1º à 4º série do 2º grau construíram toda uma fortaleza de profissionais coerentes com os seus propósitos em enchergarem as coisas, interpretando e questionando, para que um dia pudéssemos nos posicionarmos a favor ou contra a pelo menos encontrarmos brechas sociais em cada aluno, fosse ele criança, jovem ou adulto que passassem pelas muitas salas de aulas vida à fora. Esses grandes Heróis de carne e osso, reclamações quanto ao salário, a falta de espaço escolar em aulas como Artes, Educação Física, Biologia, Química. Tínhamos uma quadra que não era coberta, um pequeno anfiteatro, um laboratório sem material, tudo isso recém construídos num prédio novíssimo, com rachaduras no forro, chão, paredes, na quadra esportiva fora as infiltrações.

(...) " A função social da autoridade (do governo) é de permitir cada indivíduo o desenvolvimento de seus talentos, em competição com os demais, ao máximo da sua capacidade." (...) (CUNHA - 1991, p 28)

Nosso colégio era piloto, modelo no estado de São Paulo. Só se esse modelo for quanto a escassez de materiais de higiene, limpeza, recursos em disciplinas práticas como as da área de exatas (Biologia, química, Física), sulfites, toner, canetas, pastas, linha telefônica que funcionasse adequadamente na secretaria além da infra estrutura como um todo ser pequena para comportar quase 500 alunos e aproximadamente outras 55 entre docentes e demais funcionários.

Hoje sinto isso na pele, vendo as coisas doze anos depois pelo outro lado, quer tirar 17 cópias folhas de xerografadas, numa quota já ultrapassada e não poder. Lá se foi eu, minha boa vontade, ânimo, teimosia sair do serviço no decorrer do intervalo e pagar do meu bolso R\$ 2,25 Reais, quase 1 dólar americano a fim de conseguir as cópias do texto do Dinossauro e do fonema "D". Porque será que eu resolvi agir assim? Por pirraça, desabafo? Não, nada disso! Não poderia aceitar ter em mãos somente a metade da quantia de folhas xerografadas a oferecer numa sala com 31 alunos.

Primeiro: não vou fazer matriz da atividade em folhas hectográficas de duas atividades que estão reduzidas. Tal retrocesso custaria-me duas folhas para mimeógrafo (hectograficas), álcool, aproximadamente umas 70 folhas de sulfite, mais que o triplo em quantidade faltante aos demais alunos da minha atual 1º C da EMEF - Armelinda Espurio da Silva em Hortolândia - S.P. .

Segundo: 1 pacote de sulfite - R\$ 4,50 (valor pregado em alguns pacotes entregues este ano na lista de material), folha de papel para mimeógrafo - R\$ 0,80 centavos (valor aproximado).

Conclusão: tudo isso porque... Voltemos ao questionamento do CEFAM:

"- Porque todos os anos temos que colar algodão no rabicho do coelho?

Hoje eu responderia: "**Porque sim**".

A minha quota tem 400 folhas ao mês. No mês de abril, passei 67 folhas com:

* 12 cópias - de mensagens para as famílias sobre o verdadeiro significado da páscoa. Apesar da escola ter entregue ovos para os dois períodos, numa soma de aproximadamente R\$ 1.200,00(mil e duzentos reais) reais e cobrando daqueles alunos que podiam pagar R\$ 2,50 (dois reais e cinquenta centavos) por cada ovinho de chocolate confeitado. A arrecadação foi tão precisa, que foram necessário acrescentar "só" R\$ 35,00 (trinta e cinco reais), além de valores correspondentes a APM escolar (contribuições espontâneas;

* 14 cópias - de cabeças e patas de coelhos para serem colados nos ovinhos de chocolate;

* 35 cópias - de máscaras de coelhinhos.

O que a atividade do "D" de dinossauro tem haver com isso? "**Tudo!!!**"

Procurarei ser mais cautelosa com os coelhinhos da páscoa, dia das mães, pais, crianças, papai noéis mas principalmente com o dia em que me foi negado 17 cópias.

(...) "Com este princípio (o individualismo) a doutrina liberal não só aceita a sociedade de classes, como fornece argumentos que legitimam e sancionam essa sociedade. É verdade que ela rejeita os estratos sociais "congelados" ou "cristalizados", mas não a divisão da sociedade em classes." (...)
(CUNHA - 1991, p 29)

No colégio, quantas vezes tivemos que pagar R\$ 3,00(três reais), para minha turma no 3º ano ter uma aula com eis tipos de dobraduras, junto a uma professora

descendente de orientais especialista em origame? Alugar o salão da igreja Bom Pastor repartindo o valor em R\$ 1,00 (um real) para recebermos a visita da professora Ana Lúcia Goulart de Faria em 1993? E quando a pedido de alguns professores eu levei 100 passagens de ônibus urbano para irmos assistir uma palestra sobre Educação no Brasil no salão nobre da UNICAMP? É claro que as alunas todas depois devolveram-me todos os meus passes.

(...) " ...princípio da doutrina liberal..." (...) "a liberdade." (...) "Pleiteia-se, antes de tudo, a liberdade individual, dela decorrendo todas as outras: liberdade econômica, intelectual, religiosa e política." (...) O liberalismo usa do princípio da liberdade econômica, intelectual, religiosa e política." (...) "O liberalismo usa do princípio da liberdade para combater os privilégios conferidos a certo indivíduos em virtude de nascimento ou credo. O princípio da liberdade presume que um indivíduo seja tão livre quanto outro para atingir uma posição social vantajosa, em virtude de seus talentos e aptidões." (...) (CUNHA - 1991, p 29)

Querendo ou não, a maior parte de nossa existência lutamos com as armas que dispomos. Felizmente, muitas vezes resolvemos algumas coisas com pouco dinheiro, como R\$ 1,00, R\$ 2,00, R\$ 3,00, R\$ 4,00 ou ainda com o empréstimo de 100 unidades de passagens de ônibus. Porém tantas outras vezes, temos apenas a esperança em dias melhores. Afinal a única coisa que restou no pote de Pandora, mito greco-romano, depois de ser violado foi a esperança.

Quanto temos em nossos cofrinhos? Contas bancárias? Carteira? Somente o suficiente para tentarmos sortear mês à mês qual conta receberá o carimbo de "PAGO", aquele mês. Quanta honra para o papel e quanto orgulho para nossa vistas as letrinhas P - A - G - O.

No CEFAM, tudo era motivo para fazermos "vaquinha": pagar o credenciamento do Grêmio Estudantil junto a um cartório oficializando-o como entidade legítima legalmente, compra de tinta para a máquina de xerox, compra de cortinas. Fora os trotes, pratos de salgados, doces para custearem a festa da formatura.

Nós aprendemos a lutar por nosso pagamento em atraso, éramos bolsistas, precisávamos do dinheiro para compra de passe, material, alimentos e lanches no

decorrer dos dias. Fazíamos passeatas até a Nova Campinas, onde ficava em 1993 a sede da Secretaria da Educação. O estado, afirmou a verba que o dinheiro já havia sido repassado para a região de Campinas, o erro estava por aqui. Depois de muito auê pelas ruas de Campinas, no dia seguinte, nosso pagamento já estava em nossas contas.

Capítulo 3. : "Transição : De Agente Comunitária da Saúde Campinas - 2001 à Professor Polivalente em Hortolândia - 2002

Decepções, Alegrias, tristezas
e Muitas Incertezas"
"Põe a mão na água
põe a mão no fogo
põe a mão na brasa do meu coração
Põe a mão na mágoa
põe a mão no povo
põe a mão na massa pra fazer o pão"
(Povo da raça Brasil - Milton Nascimento/Fernando Brant)

Podem me perguntar:

"- O que foi da sua vida de 1994 após a sua formatura do magistério?"

Nada importante a nível de memorial:

*1994 - 1995: a virada do ano passei em Poços de Caldas - M.G. ;

* 1995 - 1996 (1º semestre) : fiquei de olho numa reforma e construção que fora realizada em minha casa no bairro São Bernardo;

*1996 - 2000 (2º semestre): fui morar na região de Mogi Mirim ;

*2000 - 2001 voltei para Campinas e a morar na casa do São Bernardo por algum tempo.

Voltando, quebrei a cara com uma pessoa que por não ser feliz não conseguiu ser feliz ao meu lado. Em maio de 2001, passei nos dois concursos: o de Agente Comunitário da Saúde em 1º lugar (12 vagas) e em 263º como professora polivalente

em Hortolândia (300) vagas. Fui convocada rapidinho para que eu fosse Agente do Programa do PAIDÉIA pela prefeitura municipal de Campinas e na ocasião o discurso de boas vindas à todos nós foi feita pelo ex- prefeito Toninho do PT, que honrosamente contemplou-me com um aperto de mão e um beijo quando fui conversar com ele sobre a aceitação deste tipo de atendimento domiciliar na região dos bairros do São Bernardo, Pq. Itália, Pq. e Vila industrial, Jd. Leonor, Ponte Preta dentre outros da abrangência do posto de saúde Faria Lima.

Fui aceita no cargo mesmo estando grávida. Mas foi terminar o período de gestação do Vinícius Gabriel, no CAISM/UNICAMP e experimentar o sabor amargo do desemprego. O dinheiro do acerto financeiro, serviu como parte da entrada em meu apartamento no bairro D. Pedro II . Não estou reclamando do ocorrido, apenas relatando. Joana Gamba, a ex-coordenadora deste posto, fez da vida de muitos funcionários em sua gestão no posto de saúde Faria Lima um verdadeiro "pesar". Os agentes comunitários, são contratados pelo hospital Cândido Ferreira em Souzas em regime CLT e podem ser dispensados, segundo o critério e nível de exigência e cobrança de cada posto de saúde. No meu caso, eu fiquei deprimida por ter apanhado, perdido o meu bebê numa briga com uma das namoradas do pai do meu filho. Quando ele procurou-me para que voltássemos a ficar juntos aceitei. No mesmo dia apanhei tanto, mas tanto, que tive uma hemorragia num período de quatro meses, perda de apetite, peso (estando magra), perdas constantes da mha consciência, queda de pressão arterial, zonzearias, tonturas constantes. Resultado da briga: perda do meu bebê (gestação de 10 semanas aproximadamente), arranhões por todo o corpo, dores de cabeça, constantes, perdas de memória temporária, da minha dignidade por um certo tempo, e do serviço.

A minha demissão foi positiva, pois fiquei um mês descansando da pancadaria em casa, à sombra alimentando-me muito bem, arrumando minhas coisas, curtindo o meu filho Vinícius que na ocasião era um super lindo menininho risonho, taludinho e muito brincalhão, a aprender a gatinhar e usar o andado.

"EMEI/CEMEI - Chico Bento Hortolândia Primeiros Passos, Experiências e Aprendizagens de Uma Professora Polivalente na Escola da Vida"

Em pleno mês de outubro, precisamente dia oito, assumi minha sala junto ao Pré-C. Sofri, quase chorei, não suportava os surtos psicóticos constantes, diários e freqüentes da Larissa, batendo, beliscando, cuspendo, esmurrando, estapeando, chutando, dando chinelada na cara dos demais alunos, quebrando armário, rasgando cortina, jogando longe cadeiras, materiais de sala de aula, desacatando meus pedidos, destruindo minhas aulas e meus sonhos cor-de-rosa, de uma professora cheia de boa vontade. Boquejava comigo, com os funcionários da cozinha, da limpeza, com o seu Cláudio dos serviços gerais, com guardas-municipais que faziam ronda pelo bairro e um certo dia entraram para visitar a escola, funcionários, tomar água.

Acreditem, tirava a roupa mostrando suas nádegas nos ensaios, isso quando não queria participar incentivando outros a fazerem a mesmas pirraças, desaforos, xingamentos e desacatos.

(...) "Michel Foucault, filósofo francês, direcionou seus estudos para a crítica da sociedade ocidental contemporânea." (...) " Por que tendemos, então a considerar sempre o poder como repressivo? Para esse autor, a concepção de poder freqüentemente aceita entende que ele é externo ao e indivíduo e provém de cima para baixo, ou seja, de um poder soberano - o "rei" ." (...) "Para Foucault o poder nem sempre funciona assim. Ele propõe que renunciemos a essa representação do poder, sugerindo uma outra chave de interpretação: pensar o poder sem "rei" ..." (...) "...Toda relação é, por conseguinte, uma relação de força e, portanto, uma relação de poder. Por essa razão, o poder não se estabelece apenas de cima para baixo, mas vem de todos os lados, é onipresente, induzindo continuamente estados de poder localizados e instáveis. O poder é exercido só pela lei mas também pela técnica e pela padronização, não só pelo castigo mas também pelo controle." (...) (FOUCAULT IN: LAJOIO - 1999, p 28, 31, 32)

Muitos alunos recusavam-se a compreenderem que eu era a professora, independentemente de terem passado por eles 1001 profissionais aquele ano. Foi um ano difícil, mas que acabou positivamente. Não somos professores por causa do salário, não somos professores por não sabermos fazer outra coisa, conheço muitas ex-alunas

do CEFAM - 1994, que estão como caixa na loja de cosmético Yage em Campinas, na empresa de Correios e Telégrafos em Valinhos, gerente de produção da Arcor, industria de alimentos. Inteligência serve também para mudarmos de opinião quando estamos insatisfeitos com algo. Minha família toda praticamente, tem afinidades com a área da saúde eu não. Tentei por mais de uma vez fazer o curso de auxiliar de enfermagem, a fim de constatar se era o que eu queria, para que gostando pudesse investir nesta função. Bobagem. Gosto de pular, correr, dançar, cantar, "falar mais que a boca". Num posto de saúde, hospital tal procedimentos permitidos entre os aluno, seriam anti -éticos, à menos que eu fizesse parte da ONG "Hospitalhaços", exercendo minha alegria gratuitamente em prol das crianças confinadas num hospital. Prefiro as confinadas e aprisionadas nas escolas, fazendo assim parte da história da infância de cada uma delas positivamente.

" 2003 - EMEF/EMEI - Amanda II Início de um Final Feliz"

Diante de uma 2º série maravilhosa e uma sala de aula atenciosa, preciosa era uma honra estar junto deles desde o inicio. Com eles aprendi a ministrar aulas junto a uma série do fundamental esta oportunidade de sentir gente . Isso gente adulta, gente inteligente, de boa vontade cheia de garra a fim de aprender a ser professora.

Junto deles fiz trato coletivo brinquei de ditado onde cada palavra deveria ser escrita com as letras do alfabeto móvel. Rescrevíamos musicas infantis, toda semana fazendo dobraduras, colagens, pinturas a guache, painéis preventivos sobre métodos de aceitarmos a propagação do mosquito da dengue.

(...) "As classes populares só criarão uma autêntica cultura que expresse quando se libertarem do jugo em que vivem atualmente no próprio processo de liberação, pois, uma classe não pode expressar-se de maneira criativa dentro de uma situação de opressão". (...) "...uma pessoa começa a ser verdadeiramente criativa quando é capaz de ver com lucidez suas circunstâncias, e quando começa a trilhar o caminho que a levará a liberação o das forças que a oprimem. Aí, passa a iniciar a produção de uma cultura autentica e rica. ' (...) NIDELLOFF-1989).

Cada aluno, cada ser humano pequenas sementes, brotos, frutos que desempenham socialmente capacidades múltiplas , segundo as necessidades daquela região, cidade, estado, país e ou nação.

Apostar num aluno é reconhecer que vencemos num jogo perigoso chamado capitalismo neoliberal. O que fazemos hoje, talvez, amanhã e durante todos os anos de minha vida , talvez, ainda não sejam tomadas decisões necessárias para mobilizarmos os grupos culturais próximos da gente. Mas é uma grande mobilização em busca de uma democratização pelos interesses das massas, dos populares e não somente os da elite como tudo que tem sido pensado no mundo até os dias de hoje.

Se ao aceitar que nos dias das mães meus alunos cantassem em uma só voz uma adaptação da musica Canção da América em homenagem a cada uma das mulheres presentes; na festa julina, dançarem músicas de Parentins - Amazonas em homenagem região Centro oeste, aos bois garantido e caprichoso e todo um inicio de idéias que hoje falo com mais propriedade. Temas transversais.... continuar

" 2004 - EMEI/CEMEI - Jardim Santa Esmeralda.

Nesta escola eu peguei uma sala de aula livre na remoção, podendo assim ser uma professora com sede, isto é, não precisando caso não fosse do meu interesse ir para remoção em busca de uma sala para substituição. Só fazemos isso em dias, situações: quando não temos sede isto é lugar efetivo numa U.E.(idade escolar), quando mesmo tendo sede numa determinada escola, nos escrevemos para remoção a fim de mudarmos a nossa sede para outra escola com classe livre sem professor ou pegar uma substituição numa escola do nosso interesse, por afinidade com a idade dos alunos série, localização, administração corpo docente.

Em 2004, fiquei junto à uma turma de 4-5, desenvolvi alguns projetos e mais marcante foi o da Cana de açúcar e do Café. Muitas hipóteses foram feitas sobre o pra que, serve a cana? E pra que adoçamos o café? Eu descasquei as canas com a ajuda do inspetor de os Marquinhos, as crianças que gostavam de cana chuparam vários gomos. Alguns tiveram nojo em ver a cana saberem que ela nasce na terra, com formigas próximas a ou mesmo de verem a sua casca roxa, escura e depois de limpa, ela pronta para comer.

Respeitei fiz na ocasião um levantamento sobre quem gosta de cana, quem não gosta. quem gosta o porque quem gosta e assim por diante .

Numa pesquisa junto a família, os alunos, ajudaram nos desenhos pintando e ilustrando as historias em quadrinhos propostos na atividade.

No período da manhã, primeiramente substituí um Jardim I 3-4 anos Bairro Nossa Senhora Auxiliadora. Lá eu 3 crianças com algum tipo de síndrome. A Grasieli quando entrou em pânico um determinado dia, evacuou na roupa, entrou em choque e tivemos que chamar a sua mãe. Ela ficou com medo em tomar a vitamina “A” oralmente, pensou que fosse doer, associando vacina com injeção. O Alisom evacuava todos os dias na roupa de uma a três vezes. Adorava ir ao banheiro, tomar banho de chuveiro e sentir o cuidado e o zelo no momento do banho, sorria, demonstrava alegria e até mesmo gostar da sensação do deslizar do sabonete em seu corpo. O Gabriel era bem pequenino e tinha hidrocefalia, uma válvula na cabeça. Determinado dia, caiu por estar balançando entre duas mesas, machucando a cabeça e preocupando sua mãe, horas depois com intermináveis e consecutivas convulsões. Gostava muito de todos os alunos mas como era de se esperar, apeguei-me muito pelo fato deste bairro ser periférico e as crianças serem muito carentes. Orgulho-me muito ao presenciar a evolução diante de aulas onde dançávamos, fazíamos cantinho da massinha de modelar, do recorte de revistas, da colagem, dos jogos de montar, do faz de conta com um baú cheio de fantasias, quinquilharias, de livros infantis variados onde algumas vezes por semana, eu contava-lhes algumas histórias infantis que auxiliassem-nos no aprendizado da turminha em determinados momentos.

(...) "...A criança enriquece a história ouvida e se enriquece com todas as fantasias que a história deflagra. Isso é importante porque é só com o adulto, só com o relacionamento com uma outra pessoa, que ela pode desenvolver essas fantasias." (...) "Essa compreensão do papel da história na formação e no desenvolvimento da personalidade infantil levou os educadores de Bolonha a criar cantos de leitura em creches e pré-escolas." (...) (RIZZOLI - 2005 p 14)

Fui obrigada após ficar de março à junho deste ano de 2004 a deixai-los , pois uma professora desta U.E. (unidade escolar), assumiu sua convocação em Paulinia no

período da tarde, pedindo para a diretora , deixa-la ficar com a sala em que eu substituía.

Seria aberta uma sala de mini grupo no Jd. Sta. Esmeralda, tendo disponibilidade no período da manhã, assumi em caráter de substituição. Tais alunos tinham entre 1,5 à 3 anos. Eu, a Liliane e a Silvana as duas recreacionistas, éramos perfeitas com o cuidado, zelo e, respeito com os bebês na hora do banho, parque, pinturas à guache, brincarem, andarem de motoquinha; chutarem bola, dentre tantas outras coisas que fazíamos.

2004 - Também Foi o Ano do Desabafo.

Por apenas 3 dias, fiquei junto de um mini grupo, de uma professora que em 2005 no Santa Esmeralda tornou-se a minha coordenadora a Juliana Saviane. Foram os piores dias em minha vida. Neste mini grupo na E.M.E.I. C.E.ME.I. Jardim Adelaide, foi onde pela primeira vez tornei-me responsável por bebês de 1 à 3 anos. Tudo foi péssimo, eu estava no início do meu 2 semestre no PREOSF - UNICAMP, acordando muito cedo, indo pela 1 vez para uma jornada em que tinha que ficaria o dia inteiro fora de casa e a noite na faculdade nós éramos em 3 , eu a Maria e a Fátima. Maria era calma, cantava para os bebês, me ajudava em tudo, brincava de fantoches com eles, já a Fátima ... Gritona, mandona, arrogante, "dona dos bebês", do banheiro, da sala, do armário, do material, dos brinquedos e de tudo mais relacionado a creche e aquela faixa etária.

Chegou a ir reclamar para a diretora sobre eu estar fazendo uma matriz de palhacinho afirmava que eu não trabalhava, só passeava com as crianças, que eu lia livros (PCN's -da Ed. Infantil), assuntos alheios aos da minha função. Todos os três dias em que fiquei com os alunos, auxiliei nos banhos, trocas de fralda, no parque, idas e vindas ao banheiro junto as crianças que não usavam fralda, separava brinquedos. Neste caso, afirmou que os brinquedos não precisavam ser separados, que eu estava enrolando. Eles ficavam dentro de um cesto com cabeça de palhaço enorme. Em pouco tempo, em meu primeiro dia com a ajuda da Maria, conseguimos separar de 5-6 sacolinhas cheias de peças semelhantes e aproximadamente 3 tipos distintos de jogos de

montar. O incrível é que bebês, mesmo não conhecendo-me muito bem, levavam as peças semelhantes as que eu recolhia até as sacolinhas que eu e a Maria separávamos.

Em meu 4º e último dia na creche em que a Fátima arrancou de minhas mãos a Gabriela, uma menina que estava chocada, com síndrome do pânico, fobia, Histerismo por ter sido torturada, espancada, molestada, estuprada pelo próprio pai por muito tempo em dias de visitação, quem entrou num desespero abissoluto foi eu. Ver a Fátima agredir as crianças diariamente, trata-las com rispidez, bater-lhes os seus joelinhos aos sentar estas nos bancos na entrada, para que ficassem quietos, antes das refeições e em torturas constantes onde eram obrigadas a assistirem o tempo todo e todos os dias os mesmos programas da Xuxa infinitas vezes. Agora bater numa menina que estava em estado de choque?

Sendo que inicialmente eu fiquei angustiada ao ve-la arrancar bruscamente a menina de mim, joga-la para dentro da sala e bater a porta em minha cara. O meu arrepio mais foi em seguida, quando ao ver a cena, a diretora que estava escondida atrás da porta do banheiro chamou-me e afirmou:

"- Sabe o que é Rita, esta menina, a Gabriela esta em choque porque... e o Conselho Tutelar de Hortolândia obrigou a família a deixa-la pelo menos das 7:00h às 11:00, para que ela volte a sociabilizar, brincar, aceitar demais crianças e adultos em seu convívio diário.

Chorei, chorei, chorei, compulsivamente, desesperadamente. Senti dentro de mim uma sensação horrórosa, pior do que aquela vivida por mim em 1981, quando cursava o meu Jardim da Infância, aos 5 anos de idade. Fátima, declarou à diretora e coordenadora desta escola que eu "estava fazendo drama, exagerando". Bem feito pra mim! Perdi neste dia uma oportunidade de ouro em desmascara-la hora depois na presença da Supervisora de Ensino do município a Harody.

Tive dó, acreditem... dó. Hoje ela é professora recém concursada em Hortolândia e aluna do 2º no PROESF (ingressastes de 2005). Não estou arrependida, mas quando passo ao seu lado, meu coração não à reconhece.

" Ano de 2005 - CEMEI - Residencial São Sebastião II Mini-Grupo alunos de 1,3 - 2 anos (substituição) EMEI/CEMEI - Jd. Santa Esmeralda Jardim I - alunos de 3-4 anos

Deve estar em meu destino dedicar-me aos bebês de creche. Neste ano, a Silvia Fahra é quem respondia pela coordenação na creche do Res. S. Sebastião, EMEI Três Casas e EMEI/CEMEI - Jd. Sta. Esmeralda. E a diretora Meire, respondia pela creche e por uma outra escola EMEI - Campos Verde. Atualmente, ela esta sala de aula na Ed. Infantil onde eu substituo este ano letivo. E a Silvia, foi para uma escola do ensino fundamental.

Quando já cansada de ver por quase um semestre inteiro agressões, desrespeitos, xingamentos, ameaças das recreacionistas da creche, procurei ser discreta, sintética e precisa. Adiantou alguma coisa. Não sei, mas sai desta vez com minha consciência limpa.

Uma das agressoras e recreacionistas que ficavam junto comigo, era formada em Economia na PUCC - Campinas e tinha (como a Fátima), o sonho em fazer Pedagogia, achando ser injusto sacrificar-se em turnos diários de 8 horas de trabalhos diários, ganhando pouco, agüentando desrespeitos diversos de pais de alunos, diretor, coordenador e de professores anteriores a minha chegada.

"O que eu penso de tudo isso? Ela é e sempre será uma criatura hipócrita, ganhar pouco, ser injustiçada em nossos direitos, não nos dão o direito de:

*arremessarmos crianças de menos de 1,3 - 2 anos contra a parede;

*jogarmos seus brinquedos trazidos de casa no lixo;

*arrancarmos suas chupetas, paninhos, travesseiros quando seus familiares viram as costas no término do horário de entrega das crianças;

*tirmos sarro de sua caras, o jeito de se expressarem comparando com a voz do dublador do "E . T . - O Filme", nas vezes em que este afirma querer ir para casa.

Nesta época as atuais administradoras: diretora e coordenadora, riam juntas, achando engraçado a zombaria das recreacionistas, funcionários da limpeza e cozinha.

" Jardim I - EMEI - Jardim Santa Esmeralda 2005"

Crianças super alegres, não havendo muita carinha nova, a maior parte deles, tinham vindo do maternal desta mesma escola do ano de 2004. Outras do meu antigo Mini-Grupo. Eles gritavam, corriam o tempo todo. No início do ano, tentei fazer cantinhos, não consegui, jogavam tudo que havia em cima das mesa para o chão: brinquedos, bonecas, carrinhos, massinhas de modelar, lápis de cor, giz de cera, mochilas, blusas de frio e depois ficavam quase todos embaixo delas como se estas fossem cabanas.

A solução encontrada por mim foi aceitar este tipo de idéia e jeito de brincar, semelhante ao que faziam na creche. Eu varria bem o chão e em dias des sol deixava-os no chão e em dias frios ou chuvosos, estendia um grande tapete. As cadeira e mesas quadradas feitas para grupos de quatro alunos, eram empilhados num certo canto da sala. Eles subiam em cima, seguravam na perna das mesa afirmando as demais crianças que ali estavam que era o carro da mãe, do pai ou a perua que levavam-nos ao centro comercial de Hortolândia e Campinas.

Dia-dia, muito lentamente, eles começaram a gostar em ficarem comigo, sentados em esquemas de revezamento fazendo algum tipo de atividade com tinta guache, cola colorida, glitter, lantejoulas, papel crepom embebido no álcool, atividades mimeografadas sobre as possibilidades de cores primárias virarem secundárias. Além das colagens e recortes para que compuséssemos a planta aérea de uma casa, organizando os móveis, brinquedos, objetos de cozinha, quarto, respeitando o espaço do elevador (que no painel era móvel), pois na família composta pelos pais, dois filhos, uma filha, a casa havia passado por uma reforma adaptando-a para uma criança deficiente, o irmão do meio que por distração atravessou a rua sem olhar para os dois lados do caminho da escola para casa.

Quando eu perdi a minha substituição Mini-Grupo no Residencial S. Sebastião II, fiquei um certo tempo perambulando como professora substituta por ai. Mas para minha comodidade e a pedido da secretária Rose que respondia pelas duas escolas, EMEI's Três Casas e Sta. Esmeralda, assumi a turma do Jardim II crianças de 4 -5 anos. no período da manhã.

Fiquei umas quatro semanas até iniciarem sua férias de julho. Eles já me conheciam e não tive muitas dificuldades quanto a aceitação, pois a Silvana professora deles desde o ano anterior, era uma pessoa mais introspectiva e serena. Eles, não eram assim em nenhum momento das aulas. Procurei então acrescentar brincadeiras infantis, de equipe, cantinhos, acordos no parque, no campo de futebol gramado que ficava ao

lado da escola, sempre com bom animo, pois eles tinham dificuldade em compreenderem que o outro sente dor. Eram descuidados, todos os dias machucavam-se por correrem em frentes dos balanços quando estes estavam em movimento, brincavam no gira-gira e saltavam. Não vou negar que foi necessário ser muito, muito rígida com eles, pois apesar de terem entre 4-5 anos, comportavam-se de forma desrespeitosa comigo, entre eles e demais funcionários da escola. Comparando-os com as demais classes em que passei, esta inicialmente, foi durante algum tempo a mais difícil.

Precisavam de carinho, afeto, compreensão e limites com relação ao sentimento do outro e ao meu a minha aula. Soube conquista-los e quando estávamos em lua-de-mel, com a permissão do Departamento da Educação da cidade, fui para a EMEF/EMEI - Residencial São Sebastião I.

2005 – EMEF/EMEI - Residencial São Sebastião I

No final do mês de setembro de 2005 à dezembro, , fiquei como professora substituta nas salas do infantil e fundamental no período da manhã e as vezes à tarde na escola do Residencial S. Sebastião I. Mas a maior parte do tempo, ficava na sala dos professores escrevendo a idéia de um projeto de alfabetização musical, e leitura silábica. Aproveitava minha disponibilidade no período oposto e fiquei por algum tempo freqüentando alguns cursos na UNICAMP: curso de percepção musical na UNIBAMDA, o Coral - "Zíper na Boca" Faculdade de Música e o grupo de Tae-kwon-do , na Faculdade de Educação Física. Escrevi um projeto chamado "TAE-KWON-DO : Campeões da Justiça e da Paz", usando parte do juramento feito antes e depois desta prática esportiva coreana. No coral e na UNIBANDA, busquei auxílio para dar início a minha escrita e estudo sobre a possibilidade real de no ano letivo de 2006, poder alfabetizar os alunos de 6, 7 e 8 anos, com conhecimento prático e teórico em notas musicais, ritmos, harmonia e melodia.

Entreguei para o Departamento de Educação em Hortolândia duas cópias da minha trajetória enquanto professora, minha metodologia usada em diferentes situações do cotidiano escolar por todas as séries que tive contato, mas... não houve nenhum tipo de retorno.

"EMEI - Armelinda Espurio da Silva

1º série do primeiro grau/Turma : C

Íncio de um Sonho"

Atualmente estou lecionando na EMEF - Armelinda Espurio da Silva ainda em Hortolândia, agora como professora substituta de uma primeira série. Minha sede já foi retirada da EMEF/CEMEI - Jd. Sta. Esmeralda, foi transferida para a EMEF/EMEI - Jd. São Tiago, numa sala de Jardim II . Mas como pretendo ficar numa série alfabetizante, preferi ir para onde estou atualmente.

Logo na primeira reunião com os pais na segunda semana de aula do mês de março, expliquei aos pais sobre as minhas intenções em alfabetizar enfocando o conhecimento silábico das crianças também em músicas presentes em partituras de notas musicais.

Nesta etapa do projeto, eu teria que usar os dois teclados musicais que tenho, para que cada um de meus alunos percebesse tocando no instrumento, dedilhando no ar, e solvejando oralmente usando as mãos e os pés o tempo real das notas musicais que são: dó - re - mi - fa - sol - la - si.

E seus possíveis tempos encontrados nas diferentes músicas:

*semibreve - 4 tempos

*mínima 2 tempos

*semínima 1 tempo

*colcheia 1/2 tempo

*semicolcheia 1/4 tempo

O projeto recebeu o nome de "Vozes da Esperança" - Alfabetização pela música e para início deste estudo junto aos meus alunos, selecionei cinco músicas do Milton Nascimento. São ela:

1º Coração da América (Unencounter);

2º As Várias Pontas de uma Estrela

3º Solar

4º Ânima

5º Coração civil

Todos os estudos relacionados com este projeto estão em andamento, passando por adaptações e conquistando toda minha turminha que aceitam com bastante respeito e ouvido atenciosamente os trechos selecionados por mim.

*Música 1º - "Coração da América"

(Milton Nascimento/Fernando Brant)

"O que importa é ouvir
a voz que vem do coração"

*Questiono quais são as vozes do nosso coração: na família, em sala de aula, com os demais alunos no intervalo, quando estou triste, doente, feliz, com ou sem dinheiro.

*Música 2º - "As Várias Pontas de uma Estrela"

(Milton Nascimento/Caetano Veloso)

"Notas desta melodia
Quem me ensina esta lição
Quem me explica este destino"

*Foi introduzido aos alunos alguns conhecimentos sobre nota musical, sua função, desenhos sobre como são, valores, como solfejamos usando a voz, pés, e mãos. Eles dedilharam no ar neste início, somente as cinco primeiras notas musicais que são: dó - re - mi - fa - sol, porque quando aprendemos a tocar piano ou teclado (instrumentos escolhidos neste estudo), elas são tecladas ou dedilhadas com os nossos dedos da mão direita e esquerda, não havendo necessidade de move-los do instrumento.

*Música 3º - "Solar"

(Milton Nascimento/Fernando Brant)

"O meu futuro é luz e calor
De um mundo novo eu sou
E o mundo novo ser mais claro
Mas é no velho que procuro
O jeito mais sábio de usar
A força que o sol me dá
Canto o que quero viver"

*Utilizando um painel tendo os planetas, mais conhecidos do nosso sistema solar, no dia seguinte em que o astronauta brasileiro Marcos Cesar Pontes foi em missão de dez dias no espaço, consideramos que ele não chegou a ir visitar os demais irmãos do planeta Terra. Mas, quem sabe um dia. Conversamos sobre as 365 voltas completas que a Terra dá em volta da estrela Sol, para considerarmos um ano em nosso planeta.

As crianças foram no pátio da escola brincarem de rodar como planetas, não se esquecendo do satélite natural da Terra a Lua, que leva aproximadamente 28 dias para completar sua translação. Houve registro das atividades, onde com colagem de embalagens de maçã, eles representaram o Sol e com bolinhas de papel crepom colorido, representaram a órbita dos planetas ao seu redor.

As duas últimas músicas que são "Änïmä" (José Renato/Milton Nascimento) e "Coração Civil" (Milton Nascimento/Fernando Brant), estão sendo refeitas em seu estudo, pois os feriados e a páscoa, atrapalharam a previsão inicial do término desta primeira etapa do projeto.

A etapa seguinte, será mapearmos a sala de aula, o bairro com a ajuda dos familiares dos alunos, num grande mapa confeccionado numa folha de papel pardo por nós, que ira de casa em casa, até cada família ter dado nome as ruas ou pintado pelo menos a sua própria casinha no mapa.

Faremos o reconhecimento num mapa pequeno presente nas listas telefônicas, sobre as cidades da região. Saltaremos para o estado, onde todas estas cidades estão localizadas. E relacionaremos cantor, música, poesia, filme, desenho, com uma determinada cidade ou estado brasileiro, ate conseguirmos relacionar região brasileira, artista ou obra.

Bem, acredito ter alcançado com bastante detalhe o mapa exato em que encontro-me no serviço, nos estudos na UNICAMP e na vida. Agora é só confiar na música "Coração de Estudante" no trecho em que ela diz...

"..mas renova-se a esperança nova aurora a cada dia e há que se cuidar do broto pra que a vida nos dê flor e fruto"

(Wagner Tiso/Milton Nascimento)

Considerações Finais

(...) "A educação precisa permitir a irreverência para favorecer a criação. É importante que a educação crie espaços para essas outras relações de troca, mais livres, sem pré-conceitos a respeito do que é permitido no ambiente educacional e do que não é, assim como que saiba contar com o imprevisto ou seja, deixar que aquilo que não foi previsto no planejamento possa se manifestar, acontecer, e que criações possam surgir desse imprevisto. Pois é perceptível que, muitas vezes, o processo criativo acontece fora do âmbito escolar, e até a criatividade tem limites nesse contexto." (...)
(GARCIA - 2005, p 38)

Ninguém é o detentor de todos os saberes do mundo, portanto, quando ouvimos a voz do nosso coração ela fala-nos a cada segundo, que temos que ser responsáveis com nossos alunos num ambiente escolar. Fora dele, não necessariamente estamos sendo pagos para sermos como verdadeiramente somos ou agimos, estamos livres, ideologicamente falando para atuarmos em busca do que será o nosso Sol, o nosso estilo de vida.

Será o de operários conscientes? Em busca incansáveis por uma utopia de vida que valha a pena à todos? Ricos, pobres, doentes, saudáveis, nutridos ou miseráveis, vivemos num mesmo mundo, temos sonhos e direito a sermos felizes. Gostamos de andar livremente por aí, fazendo coisas que nos dêem prazer, mas nem toda a população mundial tem as mesmas oportunidades.

Moradia, alimentação, saúde, infância são direitos conquistados historicamente pelas organizações humanas. O saber formal da escrita, direito constitucional em freqüentar uma escola também, porém não são todos os funcionários de uma determinada instituição de ensino que pensam assim. Então, proponho que não fechemos nunca mais os nossos olhos, com a finalidade de sabermos que o outro, o meu semelhante é importante quando ele mora comigo, estuda junto, freqüenta a mesma padaria, igreja, mesma religião ou não. Tenho que respeitar os mutilados, os marginalizados, as prostitutas, os drogaditos, os ladrões, os políticos e os alunos também.

Moramos no Brasil, país em desenvolvimento, cheio de contrastes sociais, em que muitas vezes, negamos cuidar do aluno do outro professor, colega de serviço, quando este pede-nos para amarrarmos um cadarço, separarmos uma briga no intervalo ou quando simplesmente querem nós abraçar quando somos reconhecidos dentro ou fora da escola.

A verdade é que temos medo deles, medo de amar, medo de nos arriscarmos e principalmente de encontrarmos a felicidade e o dom da vida que habita a existência do nosso semelhante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Ulisses Ferreira de - "Temas Transversais e a Estratégia de Projetos" /São Paulo : Moderna, 2003. - (Coleção Cotidiano Escolar)

BAZILIO , Luiz Cavalieri; Kramer, Sônia - "Infância, Educação e Direitos Humanos São Paulo, Cortez / Autores Associados, 1991.

COLETIVO DE AUTORES - "Metodologia do Ensino de Educação Física" -São Paulo : Cortez, 1992. (Coleção Magistério segundo grau. Série Formação do Professor).

COSTA, Marisa Vorraber - "Ensinando a Dividir o Mundo; as Perversas Lições de um programa de televisão" - Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Faculdade de Educação - Universidade Luterana do Brasil, mestrado em Educação.

CUNHA, L. A. - "A Educação no Pensamento Liberal" IN: MOREIRA, A. F. B.(org.) Currículo: Políticas e Práticas. Campinas: Papirus, 1999.

CUNHA, L. A. - "Educação Estado e no Brasil" São Paulo: Cortez, 1991. GENTILI, Pablo - Texto: "Três Teses sobre a Relação Trabalho e Educação em

Tempos Neoliberais" IN : LOMBARDI, J; SAVIANI, D.; SANFELICE, J. (orgs). Capitalismo, Trabalho e Educação. Campinas: Autores Associados, 2002.

LAJOIO, MARISA - Texto: "Sexualidades e Infâncias" IN: Publicação do Grupo de Estudo Interdisciplinar em Sexualidade Humana (GEISH) - UNICAMP/Campinas, Editora Autores Associados LTDA. (setembro de 1999).

NOVA ESCOLA Edição nº191, Fundação Victor Civita - Seção "Fala Mestre" - LUCKESI, Cipriano Carlos - "O Objetivo da Avaliação é Intervir Para Melhor" (abril de 2006).

MORAES, Vinícius de - Poesia: "As Borboletas" IN : Para Gostar de Ler, vol.6, Ática, 2003, São Paulo.

RIZZOLI, Maria Cristina Texto: "Leitura com Letras e sem Letras na Educação Infantil do Norte da Itália" IN : FARIA Ana Lúcia Goulart de; MELLO Suely Amaral (orgs.) "Linguagens Infantis: Outras Formas de Leitura" - Campinas, S.P. Autores Associados, 2005. - (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, 91)

SAVIANI, Demerval - "Pedagogia Histórico Crítica" - Primeiras Aproximações -São Paulo, Cortez / Autores Associados, 1991.

TRINDADE, Azoilda Loretto da ; SANTOS Rafael dos - "Multiculturalismo, mil e uma

faces da Escola (orgs) - 2 edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

Referencia Bibliográficas Complementares

"Os Incríveis" - Walt Disney Company Brasil LTDA - Pixar. Buena Vista Home Entertainment, Manaus - AM - 2005

"Pooh e o Efalante" - Walt Disney Company Brasil LTDA - Buena Vista Home Entertainment, Manaus/AM - 2005

"Vamos Cantar" - Todo Livro LTDA - Editora Brasileitura
(www.todo.livro.com.br) - partitura musical "Carangueijo"